

Palavras Permanentes

Episódio 1

[música Gal Costa]

Não sou mais tola, não mais me queixo
Não tenho medo nem esperança
Nada do que fiz por mais feliz
Está à altura do que há por fazer
Eu viveria tantas mortes
E morreria tantas vidas
E nunca mais me queixaria - Nunca mais

[Piano]

*Vim cantar sobre essa terra. Antes de mais nada aviso
Trago facão, paixão crua e bons rocks no arquivo
Tem gente que pira e berra, eu já canto pio e silvo
Se fosse minha essa rua, o pé de ipê estava vivo
La ra iê iê iê iê
La iê iê iê iê iê*

[Ná Ozzetti]A voz é um instrumento, né?! Então, se você toca um instrumento, você tem que exercitá-lo todos dias, né?! Porque senão você vai perdendo técnica, né? E isso envolve o quê? Envolve musculatura, né?! Porque, sei lá... se eu fosse um violonista, o que é que eu tenho que fazer, né? Eu tenho que... a minha musculatura tem que estar pronta para tocar aquele instrumento, porque ele não vai tocar sozinho, neh?! Ou um pianista... então tem que ter mesmo um trabalho diário. E aí como eu estudei canto lírico, eu aprendi a fazer uma série de vocalizes...

canto

piano

[Ná Ozzetti] Eu queria fazer uma escola de canto lírico como estudo. Eu nunca pensei em aplicar isso nos meus trabalhos, né?! É, mesmo porque, na época, eu cantava no grupo RUMO, que era o canto falado, então eu não precisava de nada daqueles recursos de canto lírico, era uma coisa muito voltada para fala.

*Cansaço! Esse sentimento infinito tomou conta de mim de um tal jeito
Eu procurei definir: É preguiça, incapacidade de seguir...Cansaço!
De tentar ocupar um novo espaço, esse cansaço é físico e mental
Eu ando tão desanimado que nada nesse mundo me arrasta além de mim
Além desse bendito cansaço*

[Ná Ozzetti] E uma coisa que eu aprendi nesse processo do RUMO, foi que... assim, o falado das canções tem notas definidas, né?! Não é um falado interpretativo como um falado no teatro, por exemplo. Carmen Miranda usava muito, né, isso. “Você já foi à Bahia, nego? Não? Então vá!”

O que que é isso senão uma forma de dizer, né?! O que a gente faria...

“Você já foi à Bahia? “Não”? “Então vá”

Pelo deserto afora um camelo o carregou

*Até a Síria, onde o meu amor o comprou
Tapete mágico é assim. Traz um camelo até mim*

[Ná Ozzetti] E a voz da gente vai se adaptando ao repertório, então, por exemplo, você vai moldando a voz para aquele tipo de música, né?! Se você está fazendo um outro trabalho, daí você tem também um caminho para chegar na voz, naquela performance. Então a voz da gente ela é muito... ela tem uma maleabilidade, para entender assim os trabalhos. É como um ator que vai encarar um personagem, ele muda, muda até a expressão do rosto, né?

[piano e voz]

*Se meu mundo cair, então caia devagar
Não que eu queira assistir sem saber evitar
Cai por cima de mim quem vai se machucar
ou surfar sobre a dor até o fim
Cola em mim até ouvir coração no coração
O umbigo tem frio e arrepio de sentir
O que fica para trás até perder o chão
Ter o mundo na mão sem ter mais onde se segurar
Se meu mundo cair, eu que aprenda a levitar*

[José Miguel] É uma sensação de que a música fosse como um sonho, que foi sonhado, e a gente tem toda a sensação do sonho, mas esqueceu os conteúdos dos sonhos, tem que descobrir, tem que lembrar, né? E aí palavras aparecem assim e estão querendo... vamos dizer, aparecem sugeridas por um movimento da melodia e apontam para um lugar e você vai compondo aquilo. Eu acho parecido com uma charada, né? Uma... você tem que montar um quebra-cabeças, porque, às vezes, a palavra vem não no começo da letra, a letra não começa, ela começa de uma frase que está no fim da música, por exemplo: "se meu mundo cair, eu que aprenda a levitar". Eu tive necessidade disso, eu estava lidando lá com o mundo caindo e uma levitação, mas aquilo era a última frase, então, tinha que vir toda uma letra para chegar nessa frase, então o caminho é, muitas vezes, invertido. Música é um pouco ao contrário. Se uma letra, um poema me toca e eu acho que ali tem música, aí é como se fosse muito fácil, quase imediato. Música é um fio que puxou aquele fio e ela vem toda, né? E letra não. É entrar numa mina assim e ir procurando o veio. { piano }

*É sobre-humano amar - "cê sabe muito bem"
É sobre-humano amar, sentir, doer - gozar
Ser feliz. Vê que sou eu quem te diz
Não fique triste assim. É soberano está em ti querer até muito mais.*

[José Miguel] O piano é uma extensão de mim, é verdade. Passado o tempo todo... pode dizer que o piano acompanha a minha vida, realmente, desde os sete anos, e nunca deixou de ser, mesmo que a crise em que eu me afastei dele só serviu para confirmar minha ligação com piano. É possível músico ser escritor, escritor ser músico, isso era uma pergunta, uma questão que ia ter que ser resolvida com tempo. E quando eu entrei na Faculdade de Filosofia, eu entrei, portanto, com essa questão, comigo... Entrando para ser escritor e músico, saí Professor de Literatura, o que foi uma coisa diferente e me levou para pesquisa, para reflexão sobre música, mas a música ficou ali mesmo um tempo sem saber

para onde ir, o que fazer com aquilo. Até que eu vi que a canção, ou esse lugar da canção era o ponto onde todas essas coisas se encontraram e foi o que eu acabei fazendo. Tudo começou porque eu convidei a Ná para tocar... cantar no meu casamento, e era um momento em que eu voltava, aquele era um momento em que eu assumia que eu voltava a mostrar canções e tal.... Era justamente uma voz feminina, de cantora, o canto. A voz feminina sempre tem algo da sereia, que joga aquilo para um outro lugar e tal.... Então de fazer as minha melodias voarem propriamente, né? Porque eu cantando tem isso, tem a emoção, tem uma verdade ali, mas é um voo que voa e... um voo curto, digamos. Por isso, até eu fiz a música “assum branco” que fala disso, é uma música que é uma homenagem a quem canta e assim faz a voz voar.

[Piano]

[Ná Ozzetti] *Quando ouvi o teu cantar, me lembrei nem sei do quê
Me senti tão só, tão feliz, tão só. Só e junto de você
Pois o só do meu sofrer bateu asas e voou
Para um lugar onde o teu cantar foi levando e me levou
E onde a graça de viver como a chuva no sertão
Fez que onde for, lá se encontre a flor que só há no coração
Que só há no bem-querer*

[Ná e José] *E na negra escuridão
Assum preto foi, Asa branca dói
Muito além da solidão... ê, ê, ê... iê, iê*

[Palmas]

[Risadas]

[José] E aí, a Ná, o que que ela acha?

[Ná] Eu acho ótimo...

[Risadas]

[José] Parece que a gente combinou figurino e foi coincidência que nós estamos aqui, com as mesmas cores. Quando foram feitas as entrevistas, cada um na sua casa a gente também estava com a mesma cor. Uma vez, quando a gente fez o livro “**O Som e o Sentido**”, eu fiz o livro e tem uma trilha sonora que acompanha o livro. Você gravou a..., quando fala: “*O Som e o Sentido*”, né, é a sua voz que foi gravada e aí ela vem demonstrando como são as frequências sonoras, né, que vêm, assim, do muito agudo, e isso foi feito pelo Hélio Ziskind, no computador, que a sua voz vem descendo como se fosse um meteoro, assim, do agudíssimo até chegar numa região mais grave, né, e aí ela fala: **O Som e o Sentido**, né?!

E, quando ela vem para a região mais grave, parece o timbre da minha voz. Eu acho que tem uma afinidade de timbre qualquer que, que... dá um parentesco na voz, embora é isso, seu timbre é de cristal e o meu é o de uma rolha de cortiça, uma rolha, assim, avinagrada.

[Ná] Eu não acho seu timbre de rolha.

[Risadas]

[Ná] *O som e o sentido
O som e o sentido
O som e o sentido*

O som e o sentido

O som e o sentido

[Música rock]

[José] Mas a gente vem de um mesmo lugar de voz e palavra.

[Ná] É, então, eu acho, que tem isso.

[José] A intenção da palavra cantada é parecida, no jeito de você cantar, o jeito de eu compor.

[Ná] A gente mal se conhecia, né, nunca tinha conversado, assim, e aí você me fez o convite para cantar. Eu vim aqui e você me mostrou as músicas do casamento, que eram: “Libra”, “Louvar”, aí tinha “O cântico dos cânticos”. E, depois disso, nessa fase, eu estava também começando a fazer meus primeiros shows solo... o casamento foi em 1985.

[José] O seu disco de que ano é?

[Ná] O meu disco foi gravado em 87.

[José] É um encadeamento. Todas essas coisas vieram meio juntas e foram se desdobrando. Eu tinha várias músicas guardadas e achava que não ia... que era uma coisa pessoal, e não pública. O casamento é uma espécie de renascimento para mim, porque eu tinha ficado viúvo, com quatro filhos, e tudo isso, quer dizer... eu reavaliei tudo, então aquela história de que a música não merecia ser música, tudo isso aí virou uma bobagem total, né?

[Ná] Quando eu conheci as tuas músicas, que foi na ocasião lá dos preparativos para o casamento, é... essas canções vieram para mim de uma forma muito... muito novidade. Por exemplo, uma canção como “Olhos Nus” é uma canção muito única, ela não tem referências de um...

[José] Não pertence a um gênero.

[Ná] Um gênero, é... a “olhos nus”, “libra” mesmo, mas, a “olhos nus”, com aquela coisa de prolongar as notas, né, e de ter... inclusive é... de você compor também, como você é pianista, você compõe de forma instrumental, então tem uma exigência vocal muito maior do que uma canção que é feita a partir da voz. Para mim, que vinha do grupo Rumo, do canto falado, foi uma... foi uma... como se fosse uma nova fase da minha... como intérprete, porque minha voz, voz-voz, ela começou a voar para outras formas, assim, voar numa melodia que se estendia, que ia mais longe, tinha mais saltos, e.. né?! E, ao mesmo tempo, tinha toda aquela coisa do sentido da canção que é da onde eu vinha, né?! Eu acho que, no meu caso, assim, é o meu ponto forte.

[piano]

*Uma vez amanheceu, meu pai mostrou o céu
Onde nasceu redondo o sol, abrindo um rombo no azul
Abrindo um sonho, abrindo um tambor de luz
Que enchesse a fábrica com seu óleo cru
E penetrasse os sonhos da família a olhos nus
Raios de luz trabalhando o dia, raios de luz
Trabalhando o dia, raios de luz
Trabalhando o dia, raios de luz*

[José] Eu lembro justamente de “a olhos nus” e a gente tocando essa música e, e eu tive uma visão, assim, uma sensação que era como... a sua voz cantando aquilo, é... raios de luz, parecia que a onda sonora vinha até a mim, fazia uma volta e voltava, sabe? E tinha um enlace, assim, e parecia quando... eu vou dizer, parecia quando eu tomei, uma única vez na vida, LSD, entendeu?! Porque eu via os sons... essa talvez foi a coisa mais fortes de todas. Tudo que se falava, e tal, os sons batiam que nem se fossem bolas de tênis, na sala, todas as ondas iam e voltavam, “olhos nus” vinha, sabe?! Eu via o som vindo, batendo em mim e voltando, formando mesmo uma aliança de poesia e música, que vinha no timbre, na nota...

[Ná] Essa tua experiência com LSD foi o princípio do “Som e o Sentido”, né?

[Risadas]

[José] É... “O Som e o Sentido” foi um livro que é sobre a linguagem musical, sobre porque os sons entres eles se ligam... É uma coisa de... eu acho que da vida inteira, uma pergunta: porque que um som é parente do outro, porque esse combina com aquele, porque não combina. Quando eu estudava piano lá em São Vicente, começando... eu ficava pensando, porque esse sim, esse não, porque tem simpatia entre esses sons.

[piano]

Teu véu do mesmo fio em que a vida teceu sua fibra
O céu a cristaleira de estrelas no breu se equilibra
Você e eu a sós e nós. O amor valeu
O amor valeu por todos nós

[José] Parece que tem um estúdio de gravação no cérebro da gente, né?! Em que grava...

[Ná] A gente nunca mais esquece.

[José] Nunca mais. A Ná se lembra das músicas de décadas atrás.

[Ná] A melodia é uma coisa de que nunca mais esqueço. Letra eu posso esquecer detalhes, mas a melodia, jamais, harmonia vai vindo... tudo lá.

[José] Você estudou música, né, que é uma coisa importante para consolidar isso, né?

[Ná] É... será? É, eu tenho impressão de que isso. É muito intuitivo, assim, porque, é... talvez pelo fato de sempre ter convivido com música, né?! Então você já vai fazendo as conexões desde criança. Simplesmente uma memória intuitiva mesmo.

[José] Eu acho que é inata. Eu percebo isso nas crianças, que tem umas que tem aquilo, que tem uma atenção para o som, que tem uma percepção. Ao mesmo tempo, o estudo reforça isso e torna os caminhos, conhece os atalhos, como se diz no futebol, você sabe d’onde chega de uma nota para outra. Claro que a música popular é majoritariamente feita por pessoas que não estudaram músicas e que são absolutamente geniais na intuição do que é a melodia, ritmo, palavra e música e tudo mais.

[Ná] Você está me dizendo isso e eu tô aqui pensando nas tuas canções... mesmo que eu cante... instrumentista melódica, é...mas, assim, para mim, é fundamental essa relação da melodia que eu tô cantando com a harmonia. e então, a harmonia vai meio que me levando para os lugares em que eu tenho que ir, porque as tuas canções são muito complexas, né? Eu vivenciei isso quando eu comecei a cantá-las. Eu levei isso para minha banda, então, aparentemente, sabe, parece, de repente, é um nó que você tem que entender... espera aí, que caminhos são esses? Não é um caminho óbvio, elas vão para lugares inesperados, mas elas soam completamente palatáveis para os ouvidos, elas soam muito bem resolvidas.

[piano]

*É sobre-humano amar 'cê sabe muito bem
É sobre-humano amar sentir doer, gozar, ser feliz
Vê que sou eu quem te diz, não fique triste assim
É soberano e está em ti querer até muito mais
A vida leva e traz a vida faz e refaz
Será que quer achar sua expressão mais simples
É sobre-humano amar*

[Ná] Eu não tenho muito essa medida do tempo que passou, sabe? Para mim, tudo faz parte de um... eu olho para o...

[Risadas]

[Ná] Para o universo, né na verdade, eu aponto para o universo. Então, o universo está aqui, lá, não sei o que vai ser o futuro, mas, assim... porque, quando a gente se conheceu, eu não tinha muito passado, agora eu já tenho, né? já temos... mas é muito natural olhar pra trás, olhar pro agora, né, é uma brincadeira, né, há 30 anos. Vamos pegar aquela música agora, e a gente está fazendo shows, mas são as mesmas pessoas que estão ali, e... é isso.

[Risadas]

Agora eu gosto muito de manter, eu tenho muito orgulho dos meus parceiros.

[José] É a maior riqueza da vida, né? Os encontros que aconteceram e acontecem, que estão acontecendo e re-acontecendo, né? E o nosso disco "mais é" é um disco sobre o tempo, sobre... e o fato de que as coisas vêm subterrâneas, emergem e vem todas as músicas estão falando disso, até aquela, né: *Quantos sóis e chuvas - Tempo que passou*

Pelo que tu és, pelo que sou - Quantas doses duplas

Tiros para os gols - quanto choro e quantas horas-show?

[Banda]

Vale quanto voa - Quanta voz na voz

Soando durante e depois - Quantas vezes duas

Tudo vezes dois - Fazem quantas luas quantos sóis?

UH UH... UH... UH... UH.. UH... UH...

[aplausos e gritos de plateia]